

*Um índiozinho aleijado  
do Alasca e um cão rejeitado  
surgiram do sertão  
para vencer a maior de tôdas  
as corridas de trenó*

## Como se Faz um Campeão

WILLIAM J. BUCHANAN



**P**ARA GEORGE Atla Jr., de 24 anos, Meca era a Corrida do Campeonato Mundial de Trenós de Cães, a ser realizada em Anchorage, naquele mês de fevereiro de 1958, durante o Encontro Anual de Peleteiros. Então, como agora, a famosa “Rondy” (nome derivado de *rendezvous*, que significa encontro), serpeando por 120 quilômetros de tundra acidentada, era uma atração anual para os melhores condutores de trenós puxados por cães em todo o continente norte-americano. Corrida em três páreos sucessivos de 40 quilômetros em três dias consecutivos, a Rondy é considerada pelos profissionais como teste definitivo do homem e do cão. Terminar todos os páreos é em si uma distin-

ção; vencer é ganhar o mais cobiçado troféu do esporte—Campeão Mundial—e um prêmio de 2.500 dólares. Mas, para George, a Rondy significava mais. Era uma oportunidade de provar que êle ganhara uma batalha pessoal iniciada muitos anos antes. Em uma escura manhã de fevereiro, em 1942, enquanto ainda dormia a maior parte das pessoas na minúscula aldeia indígena de Cutoff, no Alasca, a mãe de George acordou-o suavemente: “Vista-se, filho. Seu pai diz que você pode ajudá-lo a percorrer as armadilhas.”

Não foi preciso insistir. Para o menino de oito anos, ser convidado a ajudar nas armadilhas era uma honra. Depois de tomar um mingau quente, êle se acomodou na cesta do





pequeno trenó de caçador de peles e cobriu-se com o pesado manto de peles. Seu pai trepou nos patins atrás dêle e, ao mágico comando “Vamos!”, 16 cães de um salto se puseram na trilha.

Pelo número de cães, George percebeu que ficariam fora vários dias. Resolveu trabalhar duro, pois entendeu que aquela viagem era a maneira do pai dizer-lhe que agora já tinha idade para arcar com responsabilidades. É era uma séria responsabilidade, com uma família de 12 para sustentar, vestir e proteger naquele território selvagem e difícil, próximo do Círculo Ártico.

Com a primeira luz, o pai de George parou o trenó e desceu dos patins: —Hora de dar descanso aos cães.

George saltou da cesta e caiu de ponta-cabeça na neve. O pai riu e ajudou-o a levantar-se.

—Acho que meu pé está dormente —disse George.

Mas na passada seguinte seu joelho direito cedeu e êle caiu de novo. Desta vez, quando o pai o ergueu, a perna pendeu inerte.

—Endireite a perna—disse o pai. George tentou:

—Não posso.

O pai deitou-o na cesta e mandou os cães darem a volta, dizendo:

—As armadilhas terão de esperar.

Naquela noite, Eliza Attla esfregou com uma esponja o joelho inchado e quente do filho até êle adormecer. Cedo, na manhã seguinte, ela foi examiná-lo e deu um grito



de alarma. Durante a noite, George acordara com dor. Não querendo gritar, êle enfiara um cobertor entre os dentes. O debrum estava dilacerado de lado a lado.

—Apronte-o—disse o pai depressa.—Êle vai para Tanana.

O Hospital Nativo Territorial em Tanana, no Alasca, era um lugar estranho e agourento para um garôto atabascano apavorado que mal entendia o inglês. Durante semanas sem fim George foi levado de um exame para outro, espetado por inúmeras agulhas. Aí, pouco antes do degêlo da primavera, voltou para casa com uma carta que o pastor da família explicou aos pais. George tinha tuberculose óssea. A doença fôra sustada, mas não antes de destruir a cartilagem de seu joelho direito. Nunca mais andaria sem muletas.

Anos depois Eliza Attla diria ao filho que naquele dia ela vira o marido chorar pela primeira vez.

**Trabalhando com os Rejeitados.** Todos os outonos, como fazem todos os corredores de trenó, o pai de George fazia a seleção de seus cães, guardando apenas os melhores das ninhadas da primavera. Os restantes eram rejeitados, passando a ser companheiros de brincadeiras dos meninos da aldeia. Um dia, o pai de George chamou-o lá fora. Ao lado dêle, dois câezinhos esquimós traquinavam presos a uma correia curta.

—Êles são rejeitados—disse o pai, entregando a correia a George.—Mas são bons cães. Treine-os bem, e levarão você aonde quiser.

George abraçou os cães, encantado. O pai chamou-o.

George levantou-se nas muletas e seguiu-o. Ao lado da cabana viu um trenó nôvo, cuidadosamente feito à mão com madeira de bétula.

—Ainda é um pouco cedo para o Natal—explicou o pai de George, que estava radiante—mas você precisará dêle antes disso.

George pôs os nomes de Buster e Jumbo nos dois cães. Cedinho tôdas as manhãs, de seu assento na funda cesta do trenó, êle punha sua parrelha-mirim a executar os exercícios que vira os cães do pai realizar. Suas ordens, como as do pai, eram firmes, mas nunca ásperas. Êle prontamente aflagava e elogiava quando uma lição era bem aprendida. Os cães, por sua vez, esforçavam-se muito para agradá-lo. Ao acabar o inverno, estavam levando-o aonde quisesse.

Certa manhã, tendo ido de trenó até bem longe ao longo do Rio Koyukuk, George saiu do trenó para esticar um pouco as pernas. Sùbitamente, os cães dispararam. Êle sabia que iriam diretamente para casa. Desamparado, sentou-se encostado a uma árvore, colocou as muletas no colo e aguardou.

Nessa tarde, o pai encontrou-o.

—Não consegui detê-los—explicou George.

O pai acenou com a cabeça. Virou-se para sua junta e gritou: “Tom, vamos!” A junta partiu, deixando pai e filho para trás. George observava ansiosamente. Aí seu pai bradou: “Tom!” A junta virou imedia-



tamente, seguindo o cão esquimó negro à sua testa diretamente de volta para o dono.

—Há muitos condutores de trenós congelados na tundra por causa de um grande êrro—disse o pai.—Êles não conheciam seu cão-guia. Conheça seu líder, filho, e treine-o melhor que a todos os demais. Deixe-o governar a junta. E você o governa.

George nunca esqueceu a lição.

**Afinal, Conductor de Trenó!** Em seu décimo aniversário, a perna de George começou a doer e êle foi novamente para Tanana. Mais uma vez a tuberculose foi sustada a tempo, mas a perna estava tão deformada que os médicos decidiram endireitá-la. Inseriram pinos de aço logo abaixo do joelho e acima do tornozelo. Pesos adaptados a arames nos pinos forçaram os músculos retesados a esticar, e a perna começou a endireitar. Lentamente. Passariam dois anos antes de George deixar Tanana outra vez, tempo que passou aprendendo a falar, ler e escrever em inglês. Foi sua única instrução.

Quando George voltou para casa, três dias após seu 12.º aniversário, sua perna estava mais reta, mas continuava de muletas. Buster e Jumbo lembravam-se dêle, e atenderam às suas ordens prontamente. Mas agora, resolveu êle, precisava de mais cães. Quando principiou a seleção de cães no outono, foi de conductor em conductor pedindo que o deixassem escolher entre os que rejeitassem. No fim daquele inverno, êle dirigia 10 cães bem emparelhados.

Bem longe em terreno plano uma manhã, George parou sua junta e experimentou uma coisa que planejara amiúde enquanto estava deitado em Tanana. Saltando do trenó e segurando com firmeza nas alças, pisou no patim da esquerda. Depois, cautelosamente, girou a perna e apoiou o pé direito no patim direito.

—Seja bonzinho, Buster—falou brandamente. Em seguida:—Vamos!

O trenó disparou para a frente e George caiu de costas na neve.

—Buster!—gritou.

Imediatamente a junta voltou. Êle se ergueu e tomou de nôvo a posição de conductor. Dessa vez inclinou-se para a frente, equilibrando o pêso com braços e ombros musculosos fortalecidos pelos anos de uso das muletas. Deu a ordem. Outra vez o trenó deu um salto para diante. Dessa vez êle foi junto. Passados os primeiros momentos de tensão, atirou a cabeça para trás e gritou de alegria. Finalmente, era um conductor de trenó de verdade.

Poucos dias depois, êle tentou balançar o pé direito para a frente para dar um empurrão no chão. A perna oscilou para cima por trás dêle, depois caiu e bateu no trenó com um ruído surdo. Mas funcionou! Por uma fração de segundo sentiu a perna empurrar a neve amontoada. Praticou aquêle pontapé diàriamente. Com o tempo, os músculos inertes começaram a reagir. Em breve, os aldeões podiam reconhecê-lo a distância pelo grande arco do pontapé de sua perna defeituosa.



Com 14 anos, George baixou ao Hospital Mount Edgecumbe, perto de Sitka, para um exame médico. O médico manifestou-se surpreso:

—Você tem certeza de que é a mesma perna que você tinha em Tanana, filho?

George explicou seu pontapé de arranque. Poucos dias depois, o doutor disse:

—Achamos que podemos endireitar sua perna agora para você poder andar com ela. Mas teremos de imobilizar o joelho.

George concordou prontamente. Quando voltou para casa, caminhava com um andar de quem tem perna de pau, mas largara as muletas.

**Saindo do Sertão.** Em 1952, o povo de Cutoff construíra uma nova aldeia: chamaram-na Huslia. Ali, como na maioria das aldeias do interior, a mania em matéria de esportes era corridas de trenós puxados por cães. Com 19 anos agora, magro e com ossos rijos, George resolveu participar das competições de Huslia. Iniciou-se nas carreiras mais curtas, e desde o princípio se colocou bem. Buster e Jumbo já se tinham ido, porém êle ainda escolhia bons cães nas seleções de outono. Dali a pouco, uma história favorita no sertão era de como um rapaz aleijado, de bom gênio, estava ganhando dos melhores condutores de trenó de Huslia com cães que êles lhe haviam dado.

No comêço de 1958, um amigo, Sidney Huntington, visitou George.

—Já pensou em inscrever-se na Rondy?—perguntou.

George acenou afirmativamente:

—Que condutor não pensa nisso? Mas êsses homens são profissionais, Sid. Alguns dêles pagam uma fortuna por seus cães. Você sabe onde arranjei meu nôvo líder, Tennessee? É um dos refugos de meu irmão.

Sid puxou um pedaço de papel.

—Sabe o que você e êsse refugo fizeram até agora êste ano? *Média* de 4min e 48s para a milha. Isso quer dizer 40 km em duas horas cravadas. Menino, o recorde para um páreo da Rondy é 41 segundos mais do que isso! E foi estabelecido por Gareth Wright. Se você pode fazer o tempo de Wright, não há por que continuar aqui neste fim de mundo.

—Está certo, Sid—sorriu George.

—Mas, e o dinheiro para participar?

Duas semanas mais tarde, Sid apareceu novamente.

—Estenda as patinhas, menino.

Nas mãos de George êle deixou cair 600 dólares—emprestados por um negociante local, com a promessa pessoal de Sid de devolvê-los.

—Pague-me com o que você ganhar.

**“Vamos Embora, Tennessee!”**

Quatro dias antes da grande corrida, George tomou um táxi aéreo e foi para Anchorage. Êle tirou o número 17, e êste seria o seu número de ordem na partida da Rondy. Gareth Wright tirou o número 16.

Os concorrentes da Rondy partem com intervalos de dois minutos e a corrida é contra relógio. Ao meio-dia de sexta-feira, 21 de fevereiro, ambos os lados da Quarta Avenida de



Anchorage estavam apinhados de espectadores bem agasalhados para verem a partida do primeiro páreo. Quando George surgiu com sua junta, os alto-falantes estavam berrando: "Na linha de partida, o tricampeão e atual campeão mundial, Gareth Wright, de Fairbanks!" A multidão aplaudiu quando o popular campeão soltou as rédeas de sua junta bem emparelhada.

George puxou sua junta até à linha. Ao sinal, seus cães arremeteram, tomando suavemente o rumo da rua gelada. Êle deixou Tennessee estabelecer a cadência.

Próximo do ponto de contrôle dos 20 quilômetros a trilha quebrava em cotovêlo abruptamente a fim de evitar um grupo de pinheiros. George gritou—tarde demais. A junta chocou-se contra as árvores. Estonteados, os cães puseram-se em pé, debatendo-se. Todos menos um. George sabia que o cão machucado não podia prosseguir. Segundo o regulamento da Rondy, qualquer cão que principie uma parte da corrida tem de acabar—mesmo que tenha de ser transportado dentro da cesta. Assim, George deitou o animal ferido no trenó e recomeçou.

—Bom, Tennessee. Isto aqui é sertão. Vamos embora!

O grande cão esquimó puxou e a junta correspondeu. Êles ultrapassaram um condutor à sua frente. Mas não era Wright.

George contou 11 condutores ultrapassados. Nenhum era aquêle atrás do qual andava. Balançou o pé e em-

purrou o trenó. *Continue empurrando*, disse para si mesmo.

Viu Wright em uma elevação cêrca de 800 metros adiante; as costas de Wright aos poucos foram crescendo. Repentinamente, estavam de volta à cidade.

Wright virou na Quarta Avenida, empurrando com fôrça o pé. George galgou à elevação e viu o recordista agora apenas uns 50 metros adiante, esforçando-se por alcançar a linha de chegada—400 metros bem em frente.

De repente, George assustou-se com o som de vivas altos e frenéticos. Wright pulara para fora do trenó e estava correndo. George enterrou o pé na rua gelada, empurrando com tôda a fôrça. A cada pontapé, Tennessee impelia a junta para a frente. Pouco a pouco foram ganhando terreno, até emparelharem com Wright.

Súbito, faltando seis metros, George pulou fora dos patins de apoio e pôs-se a correr, empurrando o trenó. Êle caiu após transpor a linha de chegada cinco segundos adiante de Wright—mas *dois minutos e cinco segundos* na frente, no tempo corrigido. Êle estabelecera um nôvo recorde para a Rondy de 1h 57min 6s. A multidão ficou louca ao ouvir a notícia.

**O Maior de Todos.** Escapando dos espectadores que o abraçavam, George foi diretamente para o quarto e caiu na cama, exausto. Quando acordou na manhã de sábado, não conseguia mover a perna. Não sentia dor, mas a perna inteira estava dor-



mente. Agarrando uma cadeira, levantou-se, estapeou e massageou a coxa até que, afinal, uma dor surda mas bem-vinda espalhou-se a partir dos dedos do pé. George decidiu que seria melhor ficar em pé. Durante quatro horas exercitou a perna, até bem na hora do segundo páreo.

À uma hora, como o condutor com menor tempo, George empurrou sua junta (reduzida agora a nove cães) para a primeira posição de partida. A trilha, maltratada na véspera, estava sòlidamente congelada — uma pista acidentada. Ao sinal, empurrou para a frente o trenó com tóda a sua fôrça; em seguida, ainda exausto, equilibrou-se nos patins e deixou a cadência a cargo de Tennessee. Durante as duas horas seguintes, ignorando o gêlo pontudo que lhes cortava as patas, os cães recusaram-se a deixar outra junta acercar-se dêles. Mas Wright venceu George no tempo corrigido — por *dois segundos*.

Quando George acordou no domingo de manhã, levantou a perna com cuidado. Ainda doía, porém êle sabia que recobrará sua fôrça. Sorriu aliviado. Não correria apoiado nos patins, hoje. Quando deu o empurrão da arrancada a uma hora, continuou mandando o pé no chão. Em cada cruzamento, turbas de torcedores, identificando seu pontapé gigante, animavam-no com palavras de estímulo. Ao atingir a elevação final, desceu como se todos os condutores de trenó do mundo estivessem em suas costas. Êle e sua junta

atravessaram a linha de chegada completamente isolados.

Nessa noite, todos os valentes condutores da Rondy puseram-se de pé em uma ovação quando George Atlla Jr. adiantou-se capengando para ser coroado Campeão Mundial de 1958. Wright comentou:

—Atlla é o melhor que já enfrentei. Ê um verdadeiro campeão.

**HOJE EM DIA**, conservando seu sorriso fácil e contagioso e uma aparência juvenil que escondem seus 36 anos, George é estimado em tódas as rodas de corredores de trenó. Procura participar de tóda prova importante, e no sertão dizem que, quando êle é vencido, geralmente é por um cão que êle mesmo adestrou. A 23 de março de 1969, finalmente, ganhou a única corrida que lhe escapara sempre, o Campeonato Norte-Americano em Fairbanks. Amigos foram imediatamente contar ao pai dêle, que estava gravemente enfêrmo fazia mais de um ano. O velho sorriu com a notícia. No dia seguinte, fechou os olhos para sempre.

Antes de tóda corrida, George sempre minimiza suas possibilidades.

—Procurarei ficar entre os finalistas — diz êle. — Farei o possível.

Ninguém duvida de que o fará. Mas poucos acreditam que jamais haverá algum dia uma prova comparável à emocionante Rondy de 1958, quando um índiozinho aleijado e um cão esquimó rejeitado surgiram do sertão para vencer a maior de tódas as corridas de trenó.